

“RECORTE”
ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

TEATRO NACIONAL D.^a MARIA II
Publicação O JORNAL
Data 22 / 4 / 83 Pág. _____

9.2.º R.
lex

JORNAL (O)
Lisboa
VOZ DE GOUVEIA
Gouveia

22. ABR 1983

Teatro

385
No D. Maria II

Viagem em busca de Pessoa

Luísa Rego

Em cena no Teatro Nacional D. Maria II, a peça «Fernando (talvez) Pessoa» vem, pela parte dos que a conceberam e realizaram, deitar um pouco mais de água na morna fervura criada à volta dessa personagem inquieta(dora) da cultura portuguesa deste século.

As peripécias de um grupo independente de teatro que enquanto ensaia a sua primeira representação, sobre Fernando Pessoa e heterónimos, depara com vários problemas próprios das companhias em formação — e até das já constituídas — provocam o espectador para um drama vivo que se vai adensando e onde a subtileza da ironia se conjuga com o descaramento da realidade, sem deixar que os sentidos adormeçam.

É assim que os três protagonistas jogam, ao longo de duas horas de actuação, duplos papéis: eles são pessoas do teatro, gente de paixões e problemas, e eis que, num passe de mágica, de repente, encarnam personagens teatrais de um universo pessoano. Vemos aparecer, então, para além de Pessoa ele mesmo. Além do Camões,

corvo, o emblema maçónico, bosques, maquinarias, viagens.

O «informe Labirinto», assim se denomina a zona do fundo do cenário, é uma composição bizarra de elementos estéticos que, pela decoração da cena, remetem para referências próprias à obra e à vida do artista-pensador. Ora tenebrosa ora apagada, por vezes claramente onírica, a cenografia de «Fernando (talvez) Pessoa» resulta de uma saudável alquimia. Visões imaginárias e reais pressam as vivências, interiores ou não, do poeta.

Trata-se, pois, de um «espaço teatral duplamente ilusório», onde se avivam «duas realidades: a da peça de teatro que se prepara e a daquela a que assistimos, com as personagens de uma e outra, face aos vários



Fernando Pessoa
«A minha alma gira em torno da minha obra literária»

preponderante nas minhas leituras de adolescente e viria a tornar possível, na altura própria, todo o meu teatro, marcando-me talvez mais no cerne que aquele pléiade de dramaturgos do absurdo que me tem

sido colocada às costas, como rótulo de origem.»

No inventar dessa peregrinação em torno da obra do poeta, já que a opção do autor foi fazer dela a protagonista, J. Salazar Sampaio faz questão de



Jaime Salazar Sampaio
«Quando falo do meu teatro, peço às pessoas o favor de acreditar só no que lhes der mais jeito»

sublinhar a cooperação, que ao longo de mais de três anos de trabalho em equipa, «os mais densos da minha vida, até então; os mais exaltantes; e também de longe, os mais dolorosos» manteve com Isabel Pas-

coal, labuta que floriu quatro volumes de antologia, boa parte do sustento de «Fernando (talvez) Pessoa».

A pele do indisciplinador

Sensível às crianças, onde sempre se retrata algo de mais puro e anárquico, o poeta-pessoa toma, em duas alturas do espectáculo, a pele do indisciplinador. É o menino Fernando António e também a sua infância atribulada, a mesma que Salazar Sampaio revive, e cada um de nós, espectadores do nosso passado. Aí está a pergunta inocente e adulta, a dúvida e a utopia: um teatro «não gosto! Uma vez fui lá. Só há pessoas muito pintadas, dentro de uma caixa de papel pintado. Falam pelo nariz. E fazem de conta. Mas percebe-se. É muito triste». Diz a criança (São José Lapa) e, se o interlocutor crescido dá o assentimento, riposta: «Não devias saber! És adulto e os adultos esqueceram-se.» Subitamente tudo pode ser prevertido: o cenário, o curso da história, as personagens, os papéis, os sítios e as situações, o fictício.

Fernando (talvez) Pessoa deixa-nos um gosto angustiado a dúvida.

febril, sensível, «poeta futurista», Alberto Caeiro, «argonauta das sensações verdadeiras», sereno mestre, Ricardo Reis, latinista, Bernardo Soares, semi-heterónimo, «um quase Pessoa», e os outros comparsas do rapaz do Orpheu.

Carregando múltiplos rostos, invariavelmente controversos, o poeta desassossegado adquire com o texto de Jaime Salazar Sampaio com encenação de Artur Ramos, uma dimensão diferente da que lhe é dada pelos «manuais de bem conhecer Pessoa». Porque não se trata, afinal, de uma peça biográfica nem tão pouco de uma colagem de textos.

Fora de tempo e de lei

Para o equilíbrio insólito e atormentado do jogo de personalidades, em palco, contribui o **habitat** em que se desenrola o «drama em gente», cenário reinventado de Pessoa por Emília Nadal, segundo indicações do autor. Uma multidão de símbolos complexos marca inadvertidamente a memória sensorial do espectador: as arcadas, o cais, a mesa de café, o

publicos possíveis», esclarece a cenógrafa.

Sóbria, a música de António Victorino d'Almeida penetra esse mundo de fusão, paisagem de sonho ou de memória. Os sons, ténues e vilhaços, possuem um carácter fora de tempo e de lei, à medida que aumentam a dose intimista e simultaneamente desnudada da narrativa. Dois ou três momentos fogem a este esquema quase suave: a alusão às «quadras ao gosto popular» com um toque saboroso a revista à portuguesa, são disso exemplo.

Peregrinação

Pessoa está presente. E o relato desse trajecto entronca-se com o de Salazar Sampaio, autor e pessoa, também. Não era ainda o tempo da **«inflação fernandina»**, por alturas de 1976-1977, quando o dramaturgo é atingido pela **«perigosa ideia de escrever uma peça essencialmente dedicada a Fernando Pessoa»**. De mais longe, porém, transporta consigo esse fascínio poético: **«Com António Botto e Carlos Drummond de Andrade, ele ocupara um lugar**